

0 Chapo e o fracasso da guerra contra as drogas

Depois de mais de três meses de cobertura do “juízo do século” do “narcotráfico mais poderoso do mundo”, culminando com as palavras de culpa seguidas de grandes proclamações das autoridades e governantes dos EUA sobre este grande triunfo de sua “guerra contra as drogas” (um deles afirmou que o caso mostrou que aqueles que duvidam da guerra “estão equivocados”), todos sabemos que isso não muda nada.

Se provou algo o julgamento de El Chapo foi que o fracasso da guerra contra os narcóticos, impulsionada há quase meio século. Desde que El Chapo foi detido e encarcerado pela última vez no México em 2016, e depois extraditado aqui, há mais drogas ilícitas disponíveis nos Estados Unidos e em todo o mundo.

Há mais cocaína do que nunca nas ruas deste país e sua produção mundial atingiu um recorde histórico, assim como o ópio, segundo dados oficiais dos Estados Unidos e das Nações Unidas.

Nos Estados Unidos, há uma epidemia oficial que matou mais de 72 mil americanos por overdose de drogas em 2017 (os números oficiais mais recentes) mais do que o número total de mortes nos EUA nas guerras do Vietnã, Iraque e Afeganistão juntas. Essa epidemia é impulsionada principalmente por opiáceos responsáveis por cerca de 50.000 mortes, incluindo a heroína, mas também por medicamentos de prescrição legal. Em outras palavras, alguns dos Chapos neste negócio estão vestidos como médicos e executivos farmacêuticos dos Estados Unidos.

Ao celebrar o bem-sucedido julgamento de El Chapo, os promotores e seus chefes em Washington repetiram que narcotraficantes estrangeiros, mexicanos e colombianos

envenenam e destroem cidadãos americanos com suas drogas (aparentemente, os americanos nunca consumiriam essas coisas sem que os homens maus os obrigassem).

O próprio bufão perigoso da Casa Branca usa esse mesmo pretexto quase todos os dias com o argumento do seu muro e das suas políticas anti-imigração. E o julgamento de El Chapo serviu para alimentar esta narrativa e justificar a sua guerra fracassada na qual eles investem cerca de 50 bilhões de dólares por ano.

Essa guerra às drogas foi declarada pela primeira vez pelo presidente Richard Nixon em 1971 para fins políticos, para criminalizar a crescente onda de dissidentes contra a guerra e a militância dos afro-americanos, como confessou um dos principais assessores do presidente.

Os custos humanos provam que esta é uma guerra contra os pobres: do lado mexicano não é preciso repetir as estatísticas insuportáveis que toda pessoa semiconsciente conhece, demasiadas não só pelo que lê, mas também pelo que sofreu. Deste lado, nos Estados Unidos, as estatísticas mostram algo semelhante em termos de quem paga os custos: os pobres, os mais vulneráveis.

Desde que a guerra contra as drogas foi lançada, as prisões dos EUA estão cheias de jovens afro-americanos, latinos e, sim, brancos pobres, de tal forma que a população dos EUA é agora a mais encarcerada do mundo (2,2 milhões estavam na cadeia em 2016), quase meio milhão deles por crimes não violentos contra as drogas. Houve 1,6 milhões de prisões por drogas, a grande maioria por posse apenas; 46,9 por cento destes foram afro-americanos ou latinos, embora representem apenas 31,5 por cento da população e suas taxas de uso sejam semelhantes às dos brancos.

Essa guerra é um negócio, como qualquer outro. Aqueles que não estiveram no banco dos réus neste julgamento são

verdadeiramente responsáveis, muito mais do que o padrinho dos capos ali sentado, pela catástrofe humana que provocou a guerra contra e pelas drogas. Estes incluem os políticos e seus comandantes que travaram e desenharam a guerra contra as drogas tanto aqui como nos países que entraram neste esquema feito nos EUA, gerando negócios para traficantes de armas, profissionais de inteligência, aqueles no negócio de segurança, prisões e construtores de muros, entre outros empreiteiros de tudo o que é necessário para fazer uma guerra.

O caso de El Chapo torna-se justificativa para tudo isso, tanto a retórica como o negócio político e corporativo da guerra a favor e contra as drogas. A DEA usou isso para recrutar: imediatamente após o julgamento, um anúncio circulou no Twitter: “Você quer perseguir os maiores traficantes de drogas do mundo; capos como El Chapo? Você quer fazer a diferença como um agente especial da DEA?”, e ofereceu um endereço para ver os requisitos.

Mas como o próprio Chapo afirmou, como o seu sócio El Mayo Zambada tinha dito anteriormente, “o dia em que eu não existir mais, não será reduzido de forma alguma... este negócio vai continuar”.

A guerra às drogas – e os políticos e “especialistas” que a conduziram – são os que deveriam prestar contas, talvez até mesmo em tribunal, ao povo dos Estados Unidos e da América Latina (entre outros). Esse seria o “julgamento do século”.

Original: [La Jornada](#)